

HOMENAGEM 37.ª EDIÇÃO DO FESTIVAL DE ALMADA

# Rui Mendes recebeu Dom Quixote



Rodrigo Francisco, Rui Mendes, Eugénia Vasques e Inês de Medeiros. Beatriz Batarda tentando abraçar Rui Mendes de costas. Imagens da coluna da direita: em cima, João Lourenço e Catarina Vaz Pinto; em baixo, Jerónimo de Sousa e Rui Mendes

**D**ecorreu ontem na sala Principal do Teatro Municipal Joaquim Benite (TMJB) a homenagem que a 37.ª edição do Festival de Almada dedica a Rui Mendes. Em palco, e para além do homenageado, estiveram Rodrigo Francisco, director artístico do Festival, a presidente da Câmara Municipal de Almada, Inês de Medeiros, a actriz Beatriz Batarda e a professora e antiga crítica de teatro Eugénia Vasques. Rodrigo Francisco começou a sessão lembrando os três grandes eixos que tornam excepcional a vida de Rui Mendes: “um professor e um mestre; um lutador anti-fascista; um actor como já não há”, frases que integram os muitos depoimentos que podem ser encontrados na *kitbox* Rui Mendes – exposição *takeaway* concebida por José Manuel Castanheira, disponível no *foyer* do TMJB até ao final do Festival.

“Talento, perseverança, pedagogia”, foram alguns dos adjec-

tivos que Rodrigo Francisco usou para descrever o homenageado – um homem que começou por querer ser polícia sinaleiro, designio que em certa medida cumpriu como encenador, por via de “um talento que sempre demonstrou para formar equipas, dirigindo-as com brio e delicadeza, humor, sensibilidade e a inteligência dos grandes actores”. O director do Festival terminou a sua intervenção entregando a Rui Mendes um *Quixote*, símbolo da Companhia de Teatro de Almada e de todos os que perseguem o grande sonho sem jamais abrir mão da utopia que torna possível mudar o Mundo – uma obra do artista plástico Jorge dos Reis.

Beatriz Batarda contou com infinita ternura e emoção o que a une ao seu amigo Rui, um homem que “tem em si a arte de descobrir nas pessoas o que as próprias não pensavam ter. Sente-las, e leva-as com humor ao lugar mais terno da partilha em

palco. Um homem que em tudo põe entusiasmo e cativa.” Eugénia Vasques lembrou alguns elogios que lhe fez a classe teatral, os seus pares, que são sempre quem melhor pode avaliar o lugar de um homem num ofício particular: “um actor dos pormenores” (Miguel Moreira), ou “um actor de referência, que passa pela vida com enorme elegância, um maravilhoso colega, gentil e encantador” (Ana Bola). Vasques acrescentou “a sua voz, cálida e suave, e convincente, de que ninguém parece querer esquecer-se”, e lembrou alguns dos papéis que Rui Mendes interpretou, um actor que “fez de tudo”, e até mesmo de Deus – após o que percorreu, em passada larga mas segura, a cristalina e arrojada caminhada de Rui Mendes pela arte e pela vida: um “construtor civil de utopias”.

A presidente da Câmara Municipal de Almada encerrou a cerimónia, evocando a permanência e raridade “do seu compromisso cívico, a sua coerência, as convicções políticas, sociais, humanistas, em todos os gestos, momentos, actos, peças”, após o que contou a história mais pessoal que a levou a cruzar-se com Rui Mendes no seu primeiro pa-

pel no cinema, ainda criança, no filme *A culpa* (1980), realizado por seu pai, António Victorino D’Almeida, sobre a guerra colonial, no qual contracenou com Rui Mendes, que fez de seu pai – dessa forma tornando-se o seu padrinho de profissão. Inês de Medeiros concluiu declarando não ser possível falar de Rui Mendes sem falar da sua doçura, uma característica que marca não apenas a forma da sua personalidade como aquela do seu talento.

A sessão terminou com uma intervenção do homenageado, revelando a alegria que sentiu quando soube que iria haver Festival de Almada e lembrando a que ponto a vida seria outra sem o teatro. “Podíamos prescindir do teatro mas a vida era mais triste, menos interessante. Quem nos ajudaria a pensar em nós, no que somos, no que poderíamos ter sido, no que não conseguimos ser, se não tivéssemos o teatro?” No final, evocou dois nomes indelevelmente ligados ao teatro e a Almada: o actor António Assunção, cujo nome o antigo teatro municipal celebra, e o encenador e criador do Festival de Almada, Joaquim Benite, que arrebatou a plateia num longo aplauso de pé. **S.A.**

# “Para haver teatro tem de haver um encontro”

**T**urma de 95 é um espectáculo muito pessoal, porém carregado de significados plurais. Um espectáculo sobre como uma sociedade pode não estar à altura das expectativas das pessoas que a compõem. Um espectáculo que mostra o desencantamento produzido por realidades sociais que padronizam uma ideia de felicidade que é sinónima de sucesso material. Mas *Turma de 95* é também sobre o reencontro de representantes de uma geração – entre a encenadora e os seus colegas de turma –, e sobre a memória de tempos felizes, da candura desses tempos, e sobre a quente saudade disso à luz fria de hoje.

Uma fotografia de grupo mostra todos os sonhos e as expectativas que a vida – ou que crescer numa determinada sociedade – defraudou. “Cresce-



© Luana Santos

mos numa fase de tranches da União Europeia, em que o futuro era apresentado como algo que só podia ser maravilhoso, e em que poderíamos ter vidas melhores que as dos nossos pais. E, aliás, a maioria desses meus colegas de 95 conquistou aquelas coisas essenciais, porque têm família, ou porque

têm um bom trabalho.” Porém, como lembrou a criadora, “há muitas outras coisas que fazem com que a vida se torne ma-drastra e difícil”.

“Mas o que me motivou a fazer este espectáculo foi também ir à procura de o que se tinha passado comigo”. Trata-

-se do primeiro espectáculo documental criado por Raquel Castro. “Tenho feito coisas nesta linha autobiográfica, com pontos de partida que são muito pessoais, mas neste caso eu já sabia que seria documental, porque não precisei da ficção, porque a realidade é tão rica... Acabou por ser um processo muito bonito e intenso, que me levou a temas realmente pessoais, como seja a relação com o meu corpo, ou quando digo que tinha vergonha da minha mãe – uma afirmação que me custa a cada vez, a ainda bem que reverbera assim em mim”.

Um processo e um resultado teatral profundamente artísticos, no que contêm de verdade e de coragem – o arrojo de olhar para trás e para dentro e dizer o que se vê, quem se foi, e que mostra a que ponto a arte é transformadora: dos artistas e do público que contacta com o seu trabalho que, quanto mais pessoal é, mais toca os outros e os interpela. “Penso que para haver teatro tem de haver um encontro. Contacto. Uma troca. Nisso, o público de Almada é imbatível. A sua presença é poderosa.” Sarah Adamopoulos

## O FESTIVAL VISTO DE FORA

# A arte venceu o vírus

**A** 37.ª edição do Festival de Almada começou a 3 de Julho e ficará na História, após alguns meses difíceis devido à COVID19, durante os quais o director artístico, Rodrigo Francisco, e toda a equipa da Companhia de Teatro de Almada apostaram com optimismo e inteligência na manutenção do evento anual. A arte venceu o vírus e deu-nos três lições, que ficarão na memória.

A primeira é a resposta do público, que nos primeiros dias do Festival lotou por completo a capacidade permitida pelas leis de saúde pública: os espectadores, com as devidas precauções, responderam de forma positiva e ignoraram os agourentos, que temiam que o medo os imobilizasse nas suas casas.

A segunda é a solidariedade das companhias de teatro portuguesas: afastada a possibilida-

de de programar a maior parte dos espectáculos internacionais previstos, encontramos em Almada as melhores companhias nacionais e os espectáculos mais recentes.

E, finalmente, a presença do Presidente da República e do Primeiro-Ministro na inauguração: um claro reconhecimento e comprometimento com a Cultura e a actividade económica. Uma mensagem eloquente no caminho para alcançar a normalidade.

O esforço do Festival de Almada tem valido a pena.

**José Gabriel Antuñano**, enviado especial da revista espanhola *Primer Acto*

### FICHA TÉCNICA

**Direcção** Teresa Gafeira e Rodrigo Francisco | **Textos** Sarah Adamopoulos (edição) e Ana Sofia Pancada (estágio em comunicação editorial da cultura) | **Fotografia** Luana Santos e Rui Carlos Mateus | **Paginação** Joana Azevedo e Rosa Castelo  
**Apoio à produção editorial** Ana Patrícia Santos | 2020 © Edições de Comunicação do Festival de Almada

### AGENDA DE AMANHÃ

#### COLÓQUIO

18:00

#### Conversa com Rodrigo Francisco

Esplanada do foyer do Teatro Municipal Joaquim Benite

#### TEATRO

21:00

#### Viagem de Inverno

Centro Cultural de Belém

### RESTAURANTE NO TEATRO

HOJE

- Filetes com molho de pickles
- Vitela com passas

AMANHÃ

- Lulas recheadas com puré de batata
- Esparguete à bolonhesa

